

Os Impérios e o Poder Naval

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

Considerações Iniciais

Esse capítulo discutirá a importância que o poder naval teve na formação e desenvolvimento dos impérios.

Os mares sempre foram utilizados pelos impérios.

Pelos mares foram transportados matérias-primas fundamentais para a expansão econômica e bem-estar da população.

Diferenças entre o poder marítimo e o poder naval:

1. O poder marítimo é a capacidade resultante da integração dos recursos que possui um Estado para utilizar o mar e águas territoriais, tanto como poder político e militar quanto o desenvolvimento econômico e social.
2. Poder naval é a parte integrante do poder marítimo, é o componente militar, capaz de atuar no mar e nas águas interiores.

O poder naval da Antiguidade até as grandes navegações

Na Antiguidade, o Mar Mediterrâneo teve a mesma importância que o Oceano Atlântico na Era Moderna.

Foi no Mediterrâneo que as atividades marítimas floresceram.

A invasão persa à Grécia foi o que fez com que a percepção da importância do poder naval desabrochasse.

O grande rei persa, para enfrentar a Grécia, designou uma poderosa esquadra que teve a missão de acompanhar o exército.

A força naval persa contava com cerca de 1300 navios.

Os persas tomaram Atenas, que foi logo ocupada.

A Grécia, então, decidiu forçar um combate naval no Golfo da Salônica que cortaria o fluxo logístico persa.

Os gregos possuíam apenas 300 embarcações, enquanto os persas contavam com 800 embarcações.

Os gregos, próximo a Salamina, obtiveram uma grande vitória naval sobre os persas, sendo essa a primeira campanha na história ocidental em que o poder naval foi decisivo.

Surgiu, assim, o primeiro poder naval na história, mantedor de um império nascente, Atenas.

Na Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta, observa-se que diferente da Grécia, Alexandre utilizou o poder terrestre de Esparta para anular o poder naval de Atenas, o que deu certo.

Cartago também surgiu como um império naval no Mediterrâneo, controlando as linhas marítimas de comércio e disseminando a sua cultura e influência em áreas romanas.

Cartago pressionou os produtores de trigo da Sicília, ameaçando interferir com os interesses romanos e, em 264 a.C., ocorria a primeira das três guerras púnicas, sendo que a segunda assistiu à emergência do um novo poder naval no mediterrâneo, o poder naval romano.

Roma derrotou Cartago utilizando o seu poder naval.

A partir das guerras púnicas, o Mediterrâneo transformou-se em um lago de Roma.

Na Idade Média, a utilização do mar como via de expansão diminuiu.

Na Idade Moderna, muda-se o enfoque com as grandes navegações patrocinadas pelo império português e, em menor escala, pelos espanhóis.

Nesse momento, o Oceano Atlântico ganhava mais importância que o mar Mediterrâneo.

O poder naval e o Império Britânico

Em meados do século XVI, Felipe II, rei da Espanha, tinha como objetivo o estabelecimento da supremacia espanhola na Europa.

Felipe II possuía um exército disciplinado e poderoso, de uma esquadra eficiente e de abundantes recursos provindos de suas colônias no Novo Mundo.

O rei da Espanha confrontava abertamente com Elisabeth I, rainha da Inglaterra.

Em 1588, Felipe II traça um plano para invadir a Inglaterra: embarcou um poderoso exército em navios espanhóis, com o propósito de controlar o Canal da Mancha pelo tempo necessário para desembarcar suas forças.

A Espanha foi derrotada pela Inglaterra.

O ingleses iniciavam, assim, o seu desenvolvimento naval, em apoio à expansão imperial daquele país.

No século XVII, os ingleses entram em conflito com a Holanda, sua grande rival dos mares.

Um dos motivos desse conflito foi o "Ato de Navegação" de 1651, que estabelecia que todos os produtos importados para a Inglaterra fossem transportados pelos navios ingleses ou embarcações do país onde tinha sido produzido.

Os ingleses com essa medida passa a controlar o comércio.

As Guerras de sucessão da Espanha (1703), da Áustria (1740), Guerra dos Setes Anos (1765) e a Revolução Americana (1776) foram a expansão e manutenção da Grã-Bretanha, sempre sob os auspícios de sua poderosa marinha real.

Os franceses, durante esse período, na maior parte do tempo sempre em desvantagem no mar, procuraram evitar os combates diretos, de modo a preservar seus navios.

Os ingleses, ao contrário, buscavam destruir os navios franceses.

Desenvolvia-se um eterno conflito terra versus mar: a França, com um exército superior ao inglês, levando vantagem no continente, enquanto no mar ponteeava solitária a marinha britânica.

O poder naval britânico no século XVIII exercia as tarefas de:

1. Controlar a área marítima;
2. Dominar as áreas em torno das Ilhas Britânicas;
3. Capacidade de exercer o bloqueio naval contra seus inimigos;
4. Capacidade de transportar tropas com segurança para locais críticos;
5. Controlar pontos estratégicos de modo a impedir o trânsito de navios inimigos;
6. Proteger suas linhas de comércio;
7. Atacar as linhas de comércio inimigas.

Os governantes ingleses possuíam uma política voltada para o mar e também a consciência de que, sem uma marinha de guerra poderosa, o bem-estar do povo inglês e o desenvolvimento industrial estariam prejudicados.

Com a ascensão de Napoleão Bonaparte, fim do século XVIII e início do XIX, o mar novamente volta a ter um lugar de destaque.

Napoleão queria invadir a Inglaterra e, para isso, precisa controlar o Canal da Mancha.

Napoleão acaba sendo derrotado e teve início a pax britânica no século XIX.

O século XIX foi o século dos britânicos.

Sua influência ia desde a Ásia alcançando a África e o Oriente.

Com o Congresso de Viena em 1815, os ingleses foram beneficiados ainda mais.

Os navios britânicos estavam nos principais portos do mundo, e quando precisavam, impunham sua força para fazer cumprir as suas determinações, como na Guerra do Ópio na China (1840, 1856 e 1858).

Com a Revolução Industrial, novas tecnologias foram surgindo, favorecendo ainda mais o ambiente marítimo inglês.

Também surgiram novas tecnologias na área militar, trazendo maior combate aos navios.

Diante do seu poder industrial, o império britânico mantinha a hegemonia naval, que permitiu a sua expansão colonialista.

Nesse ambiente de expansão colonial, surgiam novos atores que começaram a desafiar o poder imperial britânico: EUA e o império germânico.

As duas grandes guerras e a emergência do império norte-americano

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

A Guerra de 1914 foi motivada por diversos fatores, mas um dos principais foi a expansão colonial por novos mercados e a corrida armamentista, principalmente no campo naval.

No início do conflito, o império britânico detinha o maior poderio naval, seguido pelo império germânico, e outros de menor poderio, como França, Estados Unidos, Japão e Rússia.

Os britânicos mantiveram um bloqueio afastado das bases alemãs no mar do Norte.

A estratégia dos ingleses era impedir as incursões alemãs nesse mar e a saída de forças navais para o Atlântico.

Os alemães, conscientes de sua fragilidade em número e em poder combativo, utilizaram uma concepção defensiva.

Os alemães tentaram atacar os ingleses com os seus submarinos, quase chegando a provocar o colapso do comércio marítimo inimigo.

O desenvolvimento de novas táticas de ataques e o estabelecimento do sistema de comboio de navios mercantes foi o que veio equilibrar a situação para a Inglaterra e, em novembro de 1918, a ameaça submarina estava praticamente anulada.

No final da 1ª Guerra Mundial, o império britânico tinha enfraquecido e, mesmo sendo ainda o maior poder naval, já se observava uma decadência.

A Alemanha saiu derrotada e praticamente sem marinha de guerra.

Os EUA adquiriam, nesse momento, importante desenvolvimento de seu poder naval e passaram a investir fortemente em porta-aviões e na aviação naval.

Alguns teóricos diziam que o poder naval devia apoiar as ações em terra, que eram as que iriam decidir a guerra.

Entre 1918 e 1939, houve um desenvolvimento maior das enquadrans norte-americana e japonesa, principalmente em porta-aviões.

Nesse tempo, o poder do império britânico começava a perder espaço.

Hitler inaugurava um poder totalitário na Alemanha, com uma política voltada para o continente e pouco se preocupando com o desenvolvimento de seu poder naval.

O programa de construção naval só estaria completado em 1947.

A Guerra deflagrada antes desse prazo pegou a Alemanha despreparada.

Hitler não compreendia o poder naval como instrumento eficaz para empreender uma guerra eficiente contra os seus inimigos, preferindo uma estratégia continental.

O império britânico continuou dependendo de seu poder naval para impedir um ataque alemão contra as ilhas.

Por fim, a Alemanha perde a Guerra.

O poder industrial, o poder de mobilização e a criatividade norte-americana foram fatores decisivos para a vitória final aliada.

A marinha britânica entrava em declínio.

Em 1930, os EUA despontavam como uma das poderosas frotas de combate.

Inovações feitas pelos norte-americanos:

1. O sistema de radar de superfície e aéreo e de identificação, de modo a se obter um alarme antecipado da aproximação de aeronaves atacantes foi uma das inovações tecnológicas e operacionais que contribuíram para o avanço americano tanto em poder naval quanto em continental.
2. O aperfeiçoamento de técnicas e procedimentos em operações anfíbias, de modo a tomar faixas de terreno controladas pelo inimigo.

3. Aperfeiçoamento dos equipamentos de escuta sonar submarino, de modo a detectar submarinos inimigos que tentassem atacar os navios.

A superioridade do poder naval norte-americano foi total.

No final da 2ª Guerra Mundial, os EUA passaram a ser o maior poder naval do mundo.

O império norte-americano e o seu poder naval incontestável

A marinha norte-americana possui capacidade de projetar poder em qualquer lugar do globo, enfrentado mínima oposição.

O poder naval desempenhou e desempenha tarefas básicas de forma extremamente eficiente, funcionando realmente como instrumento eficaz da política imperial norte-americana.

Os EUA controlam os ambientes submarino, de superfície e aéreo.

Os EUA possuem submarinos de última geração, capazes de se deslocarem para qualquer local onde haja tráfego marítimo, com alto nível de discricção sonora.

O poder naval norte-americano tem grande capacidade de projetar poder sobre terra, e essa capacidade foi usada na invasão do Iraque, e com sucesso.

Os EUA também usam da capacidade de dissuadir, ou seja, demonstram a sua intenção de utilizar a força, caso seja provocada.

Nos últimos anos, com a ascensão de conservadores no poder, os EUA designaram muitos recursos para a área de Defesa.

Os EUA têm um poder que atua nos três ambientes: marítimo, terrestre e aéreo.

A superioridade dos EUA é tão avassaladora que não se percebe nenhum adversário que possa desafiá-lo nos próximos 20 anos pelo menos.

O mar tem sido fonte de disputas entre Estados, desde a Antiguidade.

Os impérios perceberam que dominando a linha marítima e impedido o seu controle pelos adversários teriam a capacidade de expandir a sua influência e garantir sua segurança.

Hoje, percebe-se a dominação norte-americana, fortemente protegida por seus porta-aviões, mísseis e submarinos de ataque.

Referência Bibliográfica: ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. Os Impérios e o Poder Naval. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J. (coordenadores). **Impérios na História**. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2009.